

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA MÚSICA BRASILEIRA

Jorge Luis Vitor Hipólito (UEMS)

jomek@ig.com.br

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@hotmail.com

1. Introdução

Desde os tempos mais remotos, os seres humanos necessitam comunicar-se, para buscar abrigo, alimentos, reprodução, ou mesmo para manter as relações sociais. Por meio deste contato instrumento, a comunicação, são celebrados os contratos sociais, possibilitando que as intenções sejam interpretadas e cumpridas ou mesmo compartilhadas. Foram utilizados vários tipos de linguagens, sinais entre outros, dando origem à língua, por conseguinte culminando na fala, processo particular e único de cada ser humano.

Dentro de uma mesma língua podem existir inúmeras variações, uma delas é a variante regional, o mote deste trabalho. Bebendo do conhecimento de Bagno (2007), este conceitua o regionalismo como um dialeto que é usado no cotidiano de determinado grupo de falantes que habitam a mesma região do país. Estes têm a franca possibilidade de produzir enunciados que lhes permitam comunicar-se e compreender-se plenamente, tornando possível o convívio social.

Esta linguagem utilizada nas regiões, os dialetos, são influenciados por vários fatores externos e internos aos indivíduos que lá habitam tais como a condição social, a faixa etária, o gênero (se masculino ou feminino), o ambiente a qual o indivíduo está inserido e algumas diferenças existentes entre as regiões (o clima, posição geográfica, descendência linguística). Neste artigo iremos permear estas condições de maneira sucinta e direta, levando o leitor a compreender as nuances da língua nesta colcha de retalhos que é o nosso imenso Brasil.

A fala regional manifesta a condição de seus falantes, nas mais diferentes variedades, também chamados dialetos sociais ou de ocasião. Assim sendo, as letras/textos de músicas em sua maioria são estilizadas de acordo com a rima, o ritmo e o tema. Deixando de certo modo transparecer as variações supracitadas.

Em 2012 se comemora o centenário do nascimento de Luiz Gon-

zaga, e para homenagear o Rei do Baião, que muito contribuiu para construção da identidade do povo nordestino brasileiro, iremos nos apropriar da letra da música PARAÍBA, de sua autoria e Humberto Teixeira.

Na letra da música observaremos os traços de regionalismo e alguns fenômenos linguísticos. Isso se dá devido à variação linguística existente de região para região. Faremos uma análise comparativa dos principais elementos diferenciadores entre as variedades linguísticas, que tem as características da região nordeste do Brasil, cerne desta composição.

2. O homem e a construção da sociedade

O homem é um ser essencialmente social. Para que existisse a vida em comunidade, foi preciso uma forma de comunicação, para que as intenções fossem interpretadas e cumpridas ou mesmo compartilhadas entre os seres que partilhavam o mesmo ambiente. Fica destacado que a necessidade primordial do ser humano é a comunicação, pois a partir dela, todas as outras necessidades são sanadas. A espécie e o indivíduo se constituem no social, no compartilhamento da cultura e da história.

Buscando a etimologia do vocábulo “comunicar” insta que vem do latim *communicāre*, dividir alguma coisa com alguém, tornar comum. É correto afirmar que cada sujeito pode e deve usar de maneira particular a língua comunitária, originando assim a fala. A fala está sempre condicionada pelas regras socialmente estabelecidas da língua, mas é suficientemente ampla para permitir um exercício criativo da comunicação.

Convergindo para o conceito de Geraldi (2003), este postula que a linguagem é de suma importância no desenvolvimento do indivíduo, sendo ela condição *sine qua non* na apreensão de qualquer conhecimento.

Analizando o processo de formação da nossa sociedade, percebemos que está atrelado ao período de colonização do país, no qual vários aspectos tiveram intervenção na formação da nossa língua. Por tanto, nossa língua é um misto da cultura dos portugueses, dos povos indígenas, também dos povos africanos trazidos para o Brasil que de certa forma já haviam adquirido conhecimento da língua portuguesa, pois, estes habitavam em outras colônias portuguesas.

Assim sendo, onde quer que um povo coabite, seja onde for, em um território, região de um país, nação ou qualquer lugar que seja, sem-

pre estará latente uma determinada língua, representada por uma vasta diversidade linguística, mas, que de alguma maneira seja ela a mais simples que for, realizará o principal fundamento da linguagem, a comunicação.

3. A dicotomia língua x fala

Após complexas pesquisas, Saussure define que esta é sua dicotomia básica, língua e fala, que juntamente com os vocábulos sincronia / diacronia, produz o cerne de seus estudos. Tomando por base a oposição social / individual, seu postulado revelou-se com o passar do tempo extremamente profícuo, e o início de uma nova metodologia de permear a linguística e deu a ela corpus de ciência. Este observou que a língua (langue) fixa-se no âmbito social. Por outro lado o ato da fala/discurso (parole) encontra-se no âmbito individual. Tomou então sua dicotomia e associou-a na Sociologia, uma ciência que surgira a pouco, mas possuía largo prestígio. Desta forma Saussure (p. 16) ousa afirmar: “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. Não obstante, cabe ressaltar que no pensamento de Saussure, a linguagem destaca-se por ser a faculdade natural de fazer bom uso de uma língua, “ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional” (p. 17).

Segundo Nomura (1993, p. 49-50), postula a seguinte definição para as variações linguísticas:

- # Variações diafásicas - Representam as variações que se estabelecem em função do contexto comunicativo, ou seja, a ocasião é que determina a maneira como nos dirigimos ao nosso interlocutor, se deve ser formal ou informal.
- # Variações diatópicas - São as variações ocorridas em razão das diferenças regionais, como, por exemplo, a palavra “abóbora”, que pode adquirir acepções semânticas (relacionadas ao significado) em algumas regiões que se divergem umas das outras, como é o caso de “jerimum”, por exemplo.
- # Variações diastráticas - São aquelas variações que ocorrem em virtude da convivência entre os grupos sociais. Como exemplo podemos citar a linguagem dos advogados, dos surfistas, da classe médica, entre outras.

Com olhos voltados neste sentido, podemos afirmar que a variação aqui abordada é uma interseção entre as variações supracitadas, devido à temática em tela. De forma sucinta, iremos permear esta pluralidade condicionada no fenômeno do regionalismo. A língua oficial do Brasil é o português, desenvolvido e falado pela população em quase sua totalidade, sendo praticamente a única língua usada nos meios de comunicação.

A regionalidade no Brasil é muito diferenciada, devido à colonização das regiões, composta das culturas europeias, da cultura africana da cultura indígena, ou até a mistura delas. Em outras palavras, em cada região brasileira a língua portuguesa sofreu diferentes influências culturais, e por isto incorporou diferentes formas de expressão, o que aos poucos deu origem a diferentes dialetos, diferentes modos de expressar ou representar uma mesma ideia ou história, um mesmo sentimento ou conceito.

4. Mensagem escrita x falada

Para não quebrar a continuidade do que já fora descoberto e experimentado, era preciso transferir este legado a gerações futuras, não deixando para trás tudo aquilo que fora adquirido em termos de conhecimento, cultura, religião e ciência. Com a crescente necessidade de registrar os acontecimentos, o homem criou a escrita. Por esta diferença do falado para o escrito, um texto escrito, necessita essencialmente de um olhar mais crítico, com a finalidade de reunir o maior número de detalhes que possibilitem uma melhor compreensão e interpretação da mensagem inculcada no texto.

Para uma perfeita compreensão da mensagem, devemos unir texto e contexto numa interpretação dialética e íntegra, ou seja, *sincronia* e *diacronia*. Neste contexto, concluiu que a língua é um sistema funcional vivo, acompanha a evolução de seu meio. Fato que iremos nos enveredar ao analisar a fala regional tomando por base a letra de música.

Para sustentar tais afirmações, devemos nos debruçar nas teorias do pai da linguística, Ferdinand Saussure. Em sua visão havia duas formas da ciência linguística vislumbrar a língua: em sua época e através do tempo. Existindo um problema que não foi mensurado na época, com relação a este ponto de vista. Não se pensou no fato de que a língua ocorre, simultaneamente, em seu tempo (estática, numa data específica) e ao

longo dele (dinâmica, num lapso temporal).

Só é possível entender satisfatoriamente uma mensagem escrita na letra de uma música fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra.

5. A música e a sociedade

Outra forma encontrada pelo homem para deixar registrado seus sentimentos, foi por meio das canções. A música se faz presente em todas as manifestações sociais e pessoais do ser humano desde os tempos mais remotos. Schaeffner (1958) explica que mesmo antes da descoberta do fogo, o homem primitivo se comunicava por meio de gestos e sons rítmicos, sendo, portanto, o desenvolvimento da música, resultado de longas e incontáveis vivências individuais e sociais. De tal modo que uma canção pode marcar uma época, um povo ou mesmo certo ato, quando atrelado a um tipo musical, como é o caso das trilhas sonoras dos filmes de terror.

Os ritmos são uma das primeiras comunicações da humanidade. Há muito tempo que o homem se comunica através da arte emitida por sons. Um estilo musical é capaz de traçar a identidade de uma pessoa, de uma sociedade, de uma região. Para melhor explicitar e sustentar esta postulação analisemos então a letra da música Paraíba, de autoria de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

Quando a lama virou pedra
E Mandacaru secou
Quando o Ribação de sede
Bateu asa e voou
Foi aí que eu vim me embora
Carregando a minha dor
Hoje eu mando um abraço
Pra ti pequenina
Paraíba masculina,
Muié macho, sim sinhô
Eita pau pereira
Que em princesa já roncou
Eita Paraíba
Muié macho sim sinhô
Eita pau pereira
Meu bodoque não quebrou
Hoje eu mando
Um abraço pra ti pequenina
Paraíba masculina,

Muié macho, sim sinhô
Quando a lama virou pedra
E Mandacaru secou
Quando arribação de sede
Bateu asa e voou
Foi aí que eu vim me embora
Carregando a minha dor
Hoje eu mando um abraço
Pra ti pequenina
Paraíba masculina,
Muié macho, sim sinhô
Eita, eita

Esta canção de letra singela e melodia agradável retrata a real situação do homem sertanejo. Sua condição de vida é cantada em versos, assim como o clima, a situação política e econômica, perpassando pela condição cultural histórica e social.

6. Regionalismo na letra da música

Neste viés, verificamos que interligada à variação linguística está à variação sociocultural. Variações estas relacionadas a faixas etárias, ao gênero, a aquisição de cultura entre outras. Mediante ao posicionamento de Possenti (1996, p. 27): As diferenças mais importantes entre os dialetos estão menos ligadas à variação dos recursos gramaticais e mais à avaliação social que uma sociedade faz dos dialetos. Concluímos que a vasta concentração das variedades está aplicada no cotidiano dos falantes que fazem uso corrente da língua, por conta de suas diferentes condições sociais e não pelo fato da aplicação da norma culta que vive sobre a égide gramatical.

Em consonância com a ideia de que texto e contexto necessitam estar interligados, na análise da música Paraíba, deve-se levar em consideração alguns traços essencialmente sociológicos, por tanto regionais, que contribuem para agregar sentido ao texto. Cabe aqui lembrar que a música está intimamente relacionada a fatos do cotidiano do sertanejo, os quais perpassam o ambiente regional, e assim projetam consequências que repercutem no ambiente nacional, motivos pelos quais deixam marcas profundas na sociedade como um todo.

A música foi composta em meio a um cenário marcante da história do Brasil. Deste fator político e econômico que o país passava, é desencadeado uma série de acontecimentos que irão assinalar a sociedade

brasileira, refletindo nas inspirações dos artistas, levando-os a produzirem trabalhos intimamente ligados ao contexto. Neste caso podemos citar alguns fatos da época tais como a repressão política; o preconceito institucional; a fragilidade das condições de trabalho; a galopante modernização industrial; a existência de condutas autoritárias; a grande urbanização descontrolada. Todos estes acontecimentos tornam-se de certa forma agravantes da situação fragilizada enfrentada pela população menos favorecida, culminando em uma dissuasão social. Dando origem a duas classes: oprimida e opressora, baseadas na desigualdade de privilégios concedidos à sociedade.

Analisando a canção na particularidade de seus versos faz-se necessário navegar pelo contexto histórico da década de 30, época de Getúlio Vargas, o “voto de cabresto”. Momento em que o candidato a vice, João Pessoa, propôs a Getúlio Vargas lutarem contra esta prática, nem que fosse utilizando bодоques, pedras, estilingues, paus, entre outros, mas que não deixassem de lutar. Daí o verso: “meu bодоque não quebrou”, o que demonstrou o empenho e determinação do candidato a vice em lutar por seus ideais sob qualquer condição.

Nesta perspectiva, para entender melhor o contexto a qual está inserida a canção, devemos nos ater alguns detalhes. A começar pelo verso “Quando a lama virou pedra. E Mandacaru secou...” o compositor deixa nítida a situação da seca no sertão. A falta de chuva é tamanha que a lama dos rios e açudes secam e viram pedra. Assim sendo, a seca além de ser um problema climático, é uma situação que gera dificuldades sociais para as pessoas que habitam a região. Influenciando de maneira direta na cultura, com esta, influenciando também na variação linguística.

Por outro lado a seca potencializa o fenômeno do êxodo rural, ação comum na vida dos nordestinos. Não restando alternativa para mulheres que ficaram naquela realidade. Para manter a família transformam-se na figura da “muié macho”. Com sentimento aparente, o cantor no verso: “Foi aí que eu vim me embora. Carregando a minha dor.” Deixa claro a angústia por estar longe.

Esta ideia da seca é reforçada na canção quando o compositor cita: “E Mandacaru secou”. O mandacaru é uma espécie própria da região, por resistir a grandes secas. Marca também por meio das aves de “arribação”, que é uma variante da palavra arribaça.

No verso “Hoje eu mando um abraço pra ti, pequenina. Paraíba masculina, muié macho sim sinhô”. O termo “Mulher macho”, não se re-

fere à mulher paraibana, mas sim ao Estado, pequenino, feminino, pois “A” Paraíba é um dos Estados do Brasil subscritos no feminino. No entanto, por um equívoco de interpretação, possivelmente do cantor, ou mesmo de seus produtores, a música foi acrescida de uma frase num tom de humor: “Vai pra lá, peste!”, o que causou uma reação, um verdadeiro impacto na mensagem que deveria ser passada.

Sobre a obra ainda podemos destacar o termo “Paraíba Muié Macho” ser decorrente dentre outros empregados no conflito na cidade de Princesa Isabel, localizada a cerca de 430 km da Capital, deflagrado em 1930. Há relatos que na época houve situações de abuso dos soldados as mulheres, mas estas não se entregaram simplesmente, armaram-se de pau e pedra e se defenderam bravamente dos opressores. Daí a frase na música “Eita pau pereira que em Princesa já cantou. Eita, Paraíba muié macho sim sinhô”.

Podemos citar a evolução linguística do termo “Muié macho”. É o caso de um fenômeno que teve início no Latim Vulgar, continuaram no português arcaico e permanecem na língua popular, no coloquial distenso e nos falares regionais de nossos dias. E que certamente continua e ninguém pode deter o seu fluxo.

Observem-se os seguintes textos extraídos de *A Língua do Nordeste*, de Mário Marroquim: De duas coisa a mais feia / Progunto aos home do ensino: / Se é muié que fala grosso / Se é freguei falando fino. (MARROQUIM, 1945, p. 189)

Ainda neste eixo, temos o pronome de tratamento senhor → Seu / seo, que na música e pronunciado “sinhô”. Este termo sofre algumas variações com o passar do tempo¹⁷.

Devido aos fatores geográficos, há interferência direta na linguagem da região. Assim sendo a seca, além de ser um problema climático, é uma situação que gera dificuldades sociais para as pessoas que habitam a região. Com a falta de água, torna-se difícil o desenvolvimento da agri-

¹⁷Vejamos o que o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua portuguesa* traz: Senhor - substantivo masculino. 1 na Idade Média, proprietário de um feudo; 2 aquele que possui algo; dono, proprietário; 3 dono da casa; patrão, amo; 4 pessoa que exerce poder, dominação, influência; 6 aquele que tem autoridade como rei, imperador; soberano, chefe; 7 possuidor de algum Estado ou território; 8 pessoa nobre ou distinta; homem da burguesia ou de outra condição social; 10 tratamento cerimonioso ou respeitoso dispensado aos homens [abrev.: Sr.] 14 Diacronismo: antigo título honorífico de alguns monarcas; título de nobreza de alguns fidalgos; Sinónimo/Variantes: cavalheiro, seu, sinhô, siô, só.

cultura e a criação de animais. Desta forma, a seca provoca a falta de recursos econômicos, gerando fome e miséria no sertão nordestino. Influenciando de maneira direta na cultura e no modo de falar dos indivíduos da região.

Verificando a evolução histórica da região, fator que tem influencia direta na cultura, conseqüentemente na variação linguística regional, encontramos a origem da palavra Sertão. Consta que durante o período de colonização do Brasil pelos portugueses, ao saírem do litoral brasileiro e se interiorizarem, perceberam uma grande diferença climática nessa região semiárida. Por isso a chamavam de "desertão", ocasionado pelo clima quente e seco. Logo, essa denominação foi sendo entendida como "de sertão", ficando apenas a palavra Sertão.

Segundo Bagno (2007), não podemos afirmar que qualquer tipo de variante pode ser considerado melhor que qualquer outro, elas tem suas funções dentro daquele grupo social, e quando não mais exercer qualquer regência sobre a fala daquele grupo, certamente deixara de existir ou será modificada:

Contudo, a divergência está no fato de existirem pessoas que possuem um grau de escolaridade mais elevado e com um poder aquisitivo maior que consideram um determinado modo de falar como o "correto", não levando em consideração essas variações que ocorrem na língua. Porém, o senso linguístico diz que não há variação superior à outra, e isso acontece pelo "fato de no Brasil o português ser a língua da imensa maioria da população não implica automaticamente, que esse português seja um bloco compacto coeso e homogêneo" (BAGNO, 1999, p. 18).

Faz necessário de forma imperiosa que as diferenças entre as variantes linguísticas e o prestígio entre elas, também sabendo compreendê-las como organismo vivo que é a língua, confere o princípio da cidadania, ou seja, viver em sociedade, praticando o respeito à diversidade existente.

Sabemos que a norma padrão é também uma variante linguística que determinado grupo social impôs sobre as demais formas de uso. Ela é o resulta da aglutinação dos poderes econômico, político e social. É determinado pela sociedade que ela seja padrão e que deva ser usada por todos. Porém, há um contato social quase sempre desequilibrado que define o que é adequado ou não.

Neste contexto observamos que se há uma relação de poder pode existir uma possibilidade de resistência, elevando o prestígio dos menos favorecidos. Podemos nos apoiar no postulado de Foucault (1979, p. 75):

[...] onde existe poder, existe resistência [...] esta resistência de que falo não é uma substância. Ela não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea. [...] a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa.

Deste modo, a discriminação da variante linguística é fruto do exercício das diferenças sociais, ocasionando a diferença entre os grupos sociais, designando grupo social superior e grupo social subalterno. Neste caso são os grupos que usam a variante regional e os grupos sócias dos grandes centros.

7. *Um genuíno rei brasileiro*

Permeando a biografia de um brasileiro nato, o título auferido de "Rei do Baião", nos deparamos com o cidadão Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989), músico, exímio sanfoneiro, cantor e compositor, recebeu o referido título ("Rei do Baião"), por ter sido responsável de maneira direta, pela valorização dos ritmos nordestinos, até então desconhecidos.

Nasceu em uma fazenda do interior batizada de Caiçara, na cidade de Exu, no sertão pernambucano, no dia 13 de dezembro de 1912, tendo como pais o senhor Januário José dos Santos, grande mestre Januário, "sanfoneiro de 8 baixos" e a senhora Ana Batista de Jesus.

No ano de 1929, por motivos escusos, é obrigado a mudar-se para a cidade de Crato no Ceará. Residiu também em Fortaleza, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Somente em abril de 1945 é descoberto e levado pela gravadora RCA, grava seu primeiro disco, como sanfoneiro e cantor, e faz grande sucesso com a música "Dança Mariquinha". Em setembro do mesmo ano nasce seu filho Gonzaguinha. No ano de 1947, em parceria com Humberto Teixeira, grava a canção "Asa Branca", que posteriormente torna-se o hino do nordeste.

Em uma das datas marcantes para o povo brasileiro, a visita do Papa João Paulo II, em 1980. Luiz Gonzaga foi convidado para cantar, na cidade de Fortaleza – CE. Também recebeu convite da cantora amazônica Nazaré Pereira para cantar em Paris. Suas canções se espalharam por todo o mundo, e o sucesso passou a ser seu companheiro.

Mesmo o reinado de um rei brasileiro em sua essência, também

chegaria ao final. Não por descontentamento do de seus súditos, mas por ter cumprido o ciclo natural de sua essência humana. No fim de sua vida, Luiz Gonzaga foi internado na cidade do Recife, em junho de 1989, ficando internado por cerca de 40 dias. Não suportando o estado de falência dos órgãos, faleceu no dia 2 de agosto, deixando o país sem a real presença do “Rei do Baião”.

No ano do centenário de sua morte, o cinema brasileiro lança uma homenagem singela perante a grandeza do “Rei do Baião”, Gonzaga – De Pai para Filho¹¹⁸.

"Eu penei, mas aqui cheguei"¹¹⁹. Vale a pena conferir.

8. *Considerações finais*

Desta feita, ao concluirmos a análise da música Paraíba, não objetivamos esgotar as discussões sobre o assunto, por este reservar um enorme cabedal de possibilidades a serem tratadas. Porém, foi possível perceber a ação social sobre as variantes linguísticas regionais. Não distante desta afirmação, ficou claro os reflexos do meio no texto do compositor, e que sem uma visão sincrônica/diacrônica na é possível uma perfeita compreensão dos elementos citados no contexto musical.

É fato também que a variante linguística no Brasil, passa por inúmeras situações, a pior delas é a discriminação social que deixa marcas profundas no indivíduo, refletindo suas frustrações no contexto social a qual está inserido. É relevante entender que a língua é um mecanismo vivo e que esta em constante transformação, não podendo ser atrelada a fatos soltos, deve ser analisada levando-se em conta o que está grafado, ou seja, o texto, e todos os fatores que o envolvem, ou seja, o contexto.

Por meio de canções são cantados os lapsos temporais, mas que necessitam de embasamento para que a intenção contida na música seja entendida através dos tempos, perpetuando de maneira clara as marcas de uma região, de um acontecimento sociocultural/econômico, ou mesmo de uma pessoa.

¹¹⁸ Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-202695>>.

¹¹⁹ Cf. Luiz Gonzaga. Pau de arara. Disponível em: <<http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/261217>>.

De forma natural e inconsciente, os membros das sociedades criam padrões como sendo os corretos quanto ao uso da língua. Demonstrando uma tentativa de exaltar seu grupo social e colocá-lo em um patamar de excelência. Porém, devemos estar preocupados e vigilantes para qualquer tipo de discriminação provocada pelo uso de variantes, no caso em lide, a variante regional. É fato destacável que cada variante representa um grupo social. É também muito corriqueiro que as variantes de grupos com menos destaque social, político e econômico acabarem sendo desprestigiadas. O que resulta no surgimento do preconceito linguístico, os indivíduos que fazem uso daquela variante linguística, são julgadas inadvertidamente pela fala e escrita que apresentam, apesar de serem irmãos pátrios e falarem a mesma língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *Preconceito de origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GONZAGA, Luiz. *Paraíba*. RCA/BMG, 1934.

LUIZ GONZAGA, *músico brasileiro*. Disponível em: <http://www.e-biografias.net/luiz_gonzaga>. Acesso em: 29-10-2012.

LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste*. Rio de Janeiro: Nacional, 1945.

NÍVEIS de fala. Disponível em:

<<http://www.mundoeducacao.com.br/redacao/niveis-de-fala.htm>>. Acesso em: 26-10-2012.

NOMURA, M. *Linguagem funcional e literatura: presença do cotidiano no texto literário*. São Paulo: Annablume, 1993.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996.

SANTOS, Edivana Assunção dos; MIRANDA, Leucinete Ferreira. *A linguagem da fala e da escrita*. Disponível em:

<<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3011575>>. Acesso em: 28 out. 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad.: A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix;USP, 1969.

SCHAEFFNER, A. *Origene des instrumentes de musique*. Paris: Mouton, 1958.

TIPOS de variação linguística. Disponível em:

<<http://www.portugues.com.br/redacao/tipos-variacoess-linguisticas.html>>. Acesso em: 2510-2012.